

# **Cultura e processos de socialização na produção das infâncias de classes populares**

FERNANDA NOGUEIRA<sup>1</sup>  
JOÃO PAULO POOLI<sup>2</sup>  
MÁRCIA ROSA DA COSTA<sup>3</sup>

## **RESUMO**

*Este artigo apresenta resultados parciais de uma investigação sobre a infância a partir de referenciais teóricos da Sociologia, considerando a criança como produtora de sistemas de significações próprios em suas representações do mundo, estando esses sistemas intimamente relacionados a suas vivências culturais. O objetivo da pesquisa é analisar os processos configuracionais em que estão envolvidas as crianças e suas infâncias nas classes populares. Os dados empíricos são de atividades de pesquisa realizada em um centro infantil localizado na periferia urbana da cidade de Porto Alegre/RS. Através deste estudo pretende-se contribuir, de forma qualitativa, na formação dos docentes que trabalham na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.*

*Palavras-chave:* infância, socialização, cultura, formação docente.

## **ABSTRACT**

*This article presents partials results of an investigation, based in sociological theories, about childhood that consider child an own significations systems producer in his world's representations, been there strongly*

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia/ULBRA, Bolsista PROICT/ULBRA do PPG em Educação/ULBRA (jpooli@uol.com.br)

<sup>2</sup> Professor - Orientador do Curso de Pedagogia/ ULBRA e

<sup>3</sup> Professora do Curso de Pedagogia/ULBRA

connected at his culture's experiences. The investigation's objective is analyses the configurationally process that the children and their childhoods are involved in popular classes. The empiric dados come from investigations' actives realized in a childish center of urban periphery of Porto Alegre/RS city. This study pretends to contribute qualitatively in the teaching formation of childhood and basic school firsts levels educational professionals.

**Keywords:** childhood, socialization, culture, teaching formation.

## INTRODUÇÃO

A investigação no campo dos estudos culturais sobre a infância vem sendo desenvolvida pelo grupo de pesquisa “Escola, Docência e Identidade” desde o ano de 2005, estando agora em sua terceira etapa. O foco central das investigações anteriores foi o estudo das concepções de infância e crianças nos meios escolares (professores, pais e crianças). A partir de seus resultados, verificou-se a importância de ampliação da temática e a necessidade de aprofundamento e produção de conhecimentos no campo da *Sociologia da Infância* no nosso país.

O principal objetivo da pesquisa foi analisar os processos configuracionais em que estão envolvidas as crianças e suas infâncias nas classes populares, investigando as culturas que se expressam no fluxo das vidas dessa população. Pretendeu-se, ademais, analisar as configurações da infância através da produção de significados nos seus mais diversos contextos e o processo de socialização das crianças.

A infância e suas concepções foram historicamente construídas dentro do marco das configurações sociais, que estão vinculadas às suas circunstâncias históricas e, portanto, profundamente marcadas pelas culturas que engendram visões de mundo específicas. É a partir dessa perspectiva, e inseridos nos contextos históricos,

que podemos circunscrever a infância como objeto de pesquisa, tornando-a visível, observável, categorizável e possível de ser compreendida em todas as suas dimensões.

Se passamos a investigar sociologicamente a infância agregando novos conhecimentos aos já empreendidos por outras áreas de pesquisa como, por exemplo, os estudos históricos de Philippe Áries, não podemos analisar essa categoria como produto puro da descrição de uma dada realidade empírica. A construção desta categoria social deve levar em conta principalmente os elementos culturais que se impõem e atravessam a sua constituição. A infância é ao mesmo tempo construída pela polifonia das determinações sociais (representações, códigos, regramentos, rituais, religiosidade, gênero, classe social etc.) assim como pela autonomia da produção cultural específica que continuamente vai sendo desenhada pela vida cotidiana (as brincadeiras e os brinquedos, os jogos, a utilização do espaço e do tempo, a interpretação própria do mundo, as relações de poder etc).

A partir disto, podemos supor que as configurações das infâncias são também estabelecidas neste mundo de possibilidades pelas suas formas de inserção social. Dentro desta perspectiva adotamos os seguintes posicionamentos conceituais:

- a criança como um sujeito social, produtora de culturas e com participação no jogo de construção dos fatos sociais, sendo importante respeitá-la e considerar seu universo de representações, com reconhecimento de seus direitos e possibilidade de participação social.
- a infância como uma categoria social, construída a partir da interação da criança com os diferentes contextos de socialização e desenvolvimento (família, escola, meios de comunicação, grupos de iguais...), não se restringindo a um conceito único e fechado. A infância deve ser considerada uma condição do ser criança, sendo importante respeitá-la, pois é um sujeito participante das relações sociais, fazendo parte de um processo histórico, social, e cultural.

Na história da sociologia se encontram poucos registros de preocupações com estudos específicos relacionados à infância, principalmente no que se refere a formulações teóricas ou metodológicas que dêem conta deste campo conceitual. A partir da década de 80, alguns estudiosos começaram a apresentar esforços, no sentido de configurar os estudos sobre as crianças e a infância como um campo da sociologia. De acordo com Sirota (2001, p.9), a sociologia durante longo tempo esteve circunscrita a defi-

nição durkheimiana, considerando a infância e a própria criança “um simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições”. O rompimento desta perspectiva faz surgir os primeiros elementos de uma sociologia da infância.

É a utilização destes elementos de análise da infância, considerando-a como uma categoria dentro do campo sociológico, que levou vários pesquisadores a instituírem no Congresso Mundial de Sociologia, ocorrido em 1990, a corrente da *Sociologia da Infância*. Neste encontro foram debatidos vários aspectos concernentes ao processo de socialização da criança e à influência exercida sobre ela pelas instituições e agentes sociais. Encontramos vários pesquisadores de diferentes países envolvidos nestes estudos, com uma bibliografia já mais desenvolvida, principalmente nas línguas inglesa e francesa<sup>4</sup>.

Interessa destacar neste trabalho principalmente algumas das contribuições dadas por este campo no que se refere aos estudos sobre a cultura e sobre a infância. Um dos princípios básicos assumidos pelos autores da sociologia da infância têm sido o de realizar um aprofundamento das análises a partir de estudos investigativos, principalmente de base etnográfica, tendo como elemento as falas das crianças para verificar o que estas apontam sobre sua cultura e mundo social. Segundo M. J. Sarmiento e M. Pinto, pesquisadores do Instituto de Estudos da Criança,

<sup>4</sup> Vários pesquisadores reconhecidos internacionalmente têm contribuído através de suas obras neste campo de estudos, dentre eles pode-se destacar: Willian A. Corsaro (Indiana University, Bloomington), Jens Qvortup (Norwegian Centre for Child Research, Norway), Cléopâtre Montandon (Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation Université de Genève), Régine Sirota (Université Paris V – France), Manuel Jacinto Sarmiento (Instituto de Estudos da Criança - Universi-

dade do Minho – Portugal), Allison James (School of Comparative and Applied Social Sciences, University of Hull), Alan Prout (Stirling University, GB), Pia Christensen (School of Comparative and Applied Social Sciences, University of Hull), Chris Jenks (Goldsmiths College, London). Maiores informações sobre estes estudos podem ser encontradas nos artigos de Sirota e Montandon, publicados na língua portuguesa pelos Cadernos de Pesquisa, n. 112.

da Universidade do Minho, Portugal, as falas das crianças são elementos fundamentais para a compreensão das culturas infantis. Para estes sociólogos a infância é uma categoria social e, ao constituir-se como objeto de pesquisa, deve ser merecedora de todo cuidado e atenção no que diz respeito às metodologias a serem adotadas, assim como com qualquer outra categoria de pesquisa sociológica. De acordo com Sarmiento (2004):

O conceito de “culturas da infância” tem vindo a ser estabelecido consistentemente pela Sociologia da Infância como um elemento distintivo da categoria geracional. Por esse conceito entende-se a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação.

Este conceito e perspectiva podem ser relacionados às importantes contribuições de S. Hall (1997) no que se refere à compreensão da centralidade da cultura em tempos de pós-modernidade, assegurando que toda ação social é “cultural” e que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação, o que guardar relação direta ao pensarmos o estudo dos processos de resignificação da infância a partir dos significados conferidos pelas próprias crianças às suas práticas culturais.

Como indivíduos convivendo em uma sociedade, as crianças têm seu papel, estando inseridas em uma diversidade cultural, sendo constituídas e constituintes da cultura. Sarmiento (2003) ainda afirma que “Estudos sociológicos da infância têm sustentado a autonomia das formas culturais

da infância (Denzin, 1977; CORSARO, 1997; JAMES, JENKS e PROUT, 1998; PROUT, 2000).” Essas formas culturais radicam e desenvolvem-se em modos específicos de comunicação intrageracional e intergeracional.

Para Sarmiento (2004) as *culturas da infância* expressam a *cultura societal* em que se inserem, porém de forma diferente das culturas encontradas nas relações adultas, pois trazem ao mesmo tempo formas especificamente infantis de compreensão, representação e simbolização do mundo. Para o autor existe uma *universalidade das culturas infantis* que ultrapassa consideravelmente os limites da inserção cultural local de cada criança, já que estas constroem, nas suas relações, *ordens sociais instituintes* que regem as relações de conflito e de cooperação, traduzindo questões relacionadas à classe social, etnia, gênero e cultura que cada uma integra.

Assim, se pode concluir que a escuta das vivências e das experiências das crianças possibilita a compreensão dos significados dados às hierarquizações constituídas nas diferentes instituições e papéis sociais. De acordo com Elias (1994) as mudanças de conduta que vão se operando através dos tempos, não têm um planejamento racionalmente organizado em etapas previamente elaboradas a serem aplicadas a longo prazo; assim a família, a escola e todos os espaços por onde a criança circula são formadores do sujeito em relação à configuração social, constituindo-se agências civilizadoras. Segundo o mesmo autor, a sociabilidade inerente aos seres humanos só se evidencia quando se tem presente o que significam as relações com outras pessoas para a criança pequena. Neste sentido, a busca dos significados dados pelas crianças às diferentes ações sociais possibilita que possamos compreender e trazer para análise as nossas próprias culturas.

Para Florestan Fernandes (1994), as diferentes formas de socialização e as relações estabelecidas nos espaços urbanos determinam as culturas infantis. Este sociólogo brasileiro traz uma contribuição importante ao estudo da temática *cultura e infância*, por ter sido pioneiro, no Brasil, ao tratar esta questão através da pesquisa realizada sobre o folclore na cidade de São Paulo, onde observou as crianças brincando e a constituição e importância da cultura infantil. Segundo Mazza (2000), Fernandes reconheceu que o folclore infantil era um dentre outros processos de integração do indivíduo aos padrões grupais, mas retomou conceitos importantes da sociologia, ao dar maior atenção para o aspecto da socialização elaborado no interior dos grupos infantis.

No entanto, as mudanças de conduta que vão se operando através dos tempos, não têm um planejamento racionalmente organizado em etapas previamente elaboradas a serem aplicadas a longo prazo; assim a família, a escola e todos os espaços por onde a criança circula são formadores do sujeito em relação à configuração social, constituindo-se agências civilizadoras (ELIAS, 1994, p.30). Dessa forma, a escola passa a ser um local de destaque. Se a escola é na atualidade o local onde as crianças passam a maior parte do tempo, existem culturas infantis sendo produzidas? Quais os processos de socialização, de padrões grupais que se têm gestado dentro do espaço urbano? A referência da pesquisa de Fernandes (1994) é porque descreve os estudos sobre folclore com crianças na cidade de São Paulo, quando desenvolveu minuciosa análise dos dados empíricos registrados, dizendo da importância de “interrogá-los” e ter um indispensável domínio teórico da situação investigada.

A relação que a criança estabelece com o mundo urbano e os significados que confere às

diferentes práticas sociais constitui-se elemento de análise sociológica e cultural. Com base no pensamento de Elias (1993, p.195) podemos afirmar que o mundo urbano instaurou e continua instaurando redes de relacionamento que exigem determinados comportamentos de todos e de cada um como formas de inserção em sua lógica civilizadora, pois, segundo ele, quando as redes de relações se estabelecem, os papéis a serem desempenhados pelos indivíduos tornam-se mais definidos, intensificando-se as cadeias de interdependência social e ocorrendo mudanças dos comportamentos.

Na configuração das cadeias de interdependência social e nos comportamentos assumidos pelos diferentes atores sociais, podemos afirmar que as identidades sociais destes atores se constituem através da cultura. De acordo com Hall (1997), a cultura tem assumido uma crescente centralidade nos processos globais de formação e mudança, assim como de penetração na vida cotidiana, tendo um papel constitutivo na formação das identidades e subjetividades. Dessa forma é que se torna pertinente questionarmos que culturas infantis se apresentam na atual sociedade urbana.

O processo de socialização dos indivíduos tem sido estudado, analisado e utilizado no meio educacional a partir de diversos autores, mas todos provenientes da área da psicologia. Por isso a presente investigação considera como principal referencial teórico a obra de Norbert Elias. Em seu principal livro, *O Processo civilizador*, publicado em 1939, mostra através de um estudo e análise sociológica, do século XVI ao XX, como o homem chegou a ser o que é, assim como as modificações no comportamento e sensibilidade, os modos de relacionamento entre os homens e a constituição do Estado. A obra de Elias

é merecedora de estudos aprofundados, pois aponta para uma série de análises e conexões necessárias ao campo da educação e do processo de socialização. Segundo o autor (1980, p.13) não é possível falarmos do indivíduo, da criança e da família, do indivíduo e da sociedade ou do sujeito e do objeto, sem termos claramente presente que o indivíduo faz parte de seu ambiente e de todas essas instâncias socializadoras, sendo indissociáveis relacionalmente, “a sociedade muitas vezes colocada em oposição ao indivíduo, é inteiramente formada por indivíduos, sendo nós próprios um ser entre os outros”.

A família é uma instituição social, assim como a escola, ambas se constituindo agências civilizadoras. Para Elias não existem atitudes naturais do homem; elas são assimiladas através da educação social. As mudanças de conduta que vão se operando através dos tempos, não têm um planejamento racional, organizado em etapas previamente elaboradas a serem aplicadas a longo prazo; a educação e a escola são as formadoras do sujeito em relação à configuração social. Para Elias (1994, p.30) somente com base no diálogo instintivo contínuo com outras pessoas é que os impulsos elementares e informes da criança pequena tomam uma direção mais definida, assumem uma estrutura mais clara. *A criança precisa ser adaptada pelo outro, precisa da sociedade para se tornar fisicamente adulta.*

Dessa forma é possível afirmar que as mudanças e características da sociedade interferem diretamente no desenvolvimento das crianças. Tudo e todos com os quais a criança convive, cada membro da família, cada adulto e criança com a qual interage, favorecem o processo socializador. No entanto, conforme Pooli (2001, p. 102) a escola já concebe o aluno como

“um sujeito “civilizado” pelo menos nos comportamentos mínimos, e põe em marcha todo um processo de transmissão e produção do conhecimento organizado e catalogado como um conjunto de verdades a serem processadas no decorrer de pelo menos 17 anos”.

Para Elias (1993), os homens somente conseguem experienciar-se a si próprios enquanto indivíduos que se distinguem uns dos outros porque vivem em associações. Portanto, quanto mais vivenciarem essas interações, melhor compreenderão suas vidas como uma unidade complexa.

A escola, como instituição que surge basicamente para desenvolver esse processo socializador, adota práticas curriculares caracterizadas pelos conteúdos e formas de organização e relações estabelecidas no seu interior, leva as crianças *progressivamente, às idéias, concepções, disposições e modos de conduta que a sociedade adulta requer.* De acordo com Gómez (1998, p. 15):

A segunda função do processo de socialização na escola é a formação do cidadão/ã para sua intervenção na vida pública. A escola deve prepará-los para que se incorporem à vida adulta e pública, de modo que se possa manter a dinâmica e o equilíbrio nas instituições.

Esta afirmação poderia ser questionada no aspecto relacionado à preparação das crianças para a vida adulta futura. Pensamos que a escola deve atender às condições, necessidades, direitos e situações vivenciadas pela criança a cada momento de sua vida. Lefebvre (1997, p.72) ainda dirá que o ser humano possui necessidades diversas, muitas das quais de convivência e interação e que “a casa, a morada, a residência e o apartamento, a vizinhança, o bairro, a cidade,

a aglomeração, satisfizeram, ainda satisfazem, ou não satisfazem mais a alguns desses apelos”.

Uma educação que possibilita a participação e o diálogo com as crianças em todo o processo já se constitui por si só em um exercício para a cidadania. A partir destes pressupostos, a forma como a escola participa do processo de socialização e inserção da criança no mundo social, se constitui em uma questão-chave a ser analisada para uma melhor compreensão deste tema.

## METODOLOGIA

A Etapa 2007 da pesquisa foi realizada em uma escola de educação infantil de periferia urbana da cidade de Porto Alegre. Os dados foram levantados através de trabalho de *observação participante* em uma turma composta de 30 crianças, na faixa etária de 5 anos. As observações foram registradas através de gravações e fotografias e as análises buscaram verificar como as crianças estabelecem as relações entre si e configuram os processos de socialização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações empíricas realizadas junto ao grupo de crianças, ocorrida na etapa 2007 da pesquisa, evidenciaram conclusões parciais relevantes, as quais se referem principalmente às configurações que se apresentaram nas atividades cotidianas da escola infantil. Esses resultados são indícios significativos da “permeabilidade” cultural que atravessa o espaço educativo e a vida das crianças. Nesse contexto destacamos que:

A sala de aula é um abrangente espaço de interações culturais e, por essa razão, a proposição de momentos livres de interação entre as crianças é muito significativa. Entretanto, muitas vezes esses espaços são reduzidos a rotinas de atividades pré-estabelecidas e padronizadas propostas pelas educadoras (atividades dirigidas). No transcorrer dessas atividades é evidente o esforço investido pelas crianças na tentativa de conquistar espaços livres de interação (mudam as regras ou não se envolvem nas brincadeiras dirigidas, preferindo ficar conversando). Na perspectiva de Elias (1993) os homens somente conseguem experienciar-se a si próprios como indivíduos que se distinguem uns dos outros porque vivem em associações. Quanto mais vivenciam essas interações melhor compreenderão suas vidas. Além disso, os diálogos e brincadeiras livres expressaram a riqueza de representações próprias de mundo que as crianças trazem para escola.

As crianças de classes populares investigadas, neste campo de pesquisa, levam para dentro da instituição que freqüentam, aquilo que comumente denominamos de cultura popular. A produção de significados que configuram visões de mundo específicas e dizem respeito ao modo de representar, imaginar e “ler” o mundo, são processadas por um **pluralismo cultural** que conjuga a **cultura local** (entendida como uma cultura estética, alimentar, de moda, de estilo, de relações de vizinhança, de sexualidade, de intimidade, de arquitetura), a **cultura de massa** (cultura musical, das novelas, dos vídeos) e a **cultura midiática**, em especial a televisão. Notou-se que a influência dos programas televisivos no cotidiano das crianças é muito representativa. No entanto, entendemos ser temeroso fazer qualquer vinculação direta en-

tre as mensagens que os programas pretendem emitir e sua recepção pelos sujeitos da pesquisa.

As crianças chegam à instituição escolar com um conjunto de saberes sobre a vida. Porém, ainda é muito presente um posicionamento moralista por parte das educadoras em face às interpretações que elas, ao longo do dia, vão realizando sobre as suas circunstâncias. Não que se realize aí um conflito entre visões de mundo mas, na realidade, há uma tentativa de impor às crianças novos significados, principalmente morais. Neste sentido, pode-se afirmar que a concepção de cultura popular assumida pelas educadoras no espaço escolar é a que Chartier (1995, p. 179) define como um modelo específico de descrição e interpretação: “preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes”. Desta forma, a prática de escuta das crianças pelos educadores é, muitas vezes, meramente uma formalidade pedagogizada do que uma prática educativa de produção de significados. Em termos gerais, as educadoras levam muito mais em conta a sua interpretação de mundo, o seu modo de vida, como referência básica da constituição de todos os modos de vida, ensejando juízos de valor unilaterais.

Embora se possa, em termos amplos, falar de uma cultura infantil própria, produzida pela criança, fica evidente que essas culturas estão, de alguma forma, constituídas junto com os adultos. As crianças reconhecem explicitamente uma diferença entre o mundo adulto e o mundo da criança, entre coisas que adultos fazem e coisas que crianças fazem.

Os processos de socialização em que as crianças estão envolvidas reproduzem, em parte, a cultura vivenciada com sua família, seus cole-

gas e seus amigos. Portanto, deve-se ter todo um cuidado ao definir esse processo como sendo um processo de inclusão. As crianças e suas infâncias, inegavelmente, já estão incluídas no mundo social, não sendo a instituição escolar a responsável direta ou única por este fato.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora LCT, 1981.

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. IN: CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CADERNOS DE PESQUISA. **Sociologia da Infância: novos enfoques**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.112, março 2001.

CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”. Revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.179-192, 1995. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/172.pdf>> Acesso em 29 fev.2008.

COSTA, Márcia Rosa da. **Eu também quero falar: um estudo sobre infância, violência e educação**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

ELIAS. Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS. Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Braga: Edições 70, 1980.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FERNANDES, Florestan. Ciências Sociais: na óptica do intelectual militante. **Revista Estudos Avançados, Edição comemorativa dos 70 anos da USP,** São Paulo, n.22, set/dez 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/iea/revista/revista22/fernandes.html>> Acesso em 12 out.2002.
- GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GÓMEZ-GRANELL, Carmen; VILA, Ignácio (Orgs.). **A cidade como projeto educativo.** Porto Alegre: Artmed, 2003.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade,** v.22, n.2 jul/dez 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/neccso/downloadtextos.html>> Acesso em 30 de março de 2004.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MAZZA, Débora. A leitura sociológica do folclore: a contribuição de Florestan Fernandes. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23., 2000, Caxambu. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/24/T1481427895533>> Acesso em: 28 set. 2002.
- MONTANDON, Cléopatre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n.112, p.33-70, mar. 2001.
- QVORTRUP, Jens. **A infância na Europa: novo campo de pesquisa social.** Textos de Trabalho. N. 1. CEDIC. IEC. Universidade do Minho, 1999.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. Disponível em: <<http://www.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf>> Acesso em 30 de janeiro de 2004.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. Disponível em: <<http://www.iec.uminho.pt/cedic/TEXTOSdetrabalho/ENCRUZILHADAS.doc>> Acesso em 04 de abril de 2003.
- SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n.112, p.7-31, mar. 2001.
- POOLI, João Paulo. Decifra-me ou te devo: a excelência do objeto pela construção do argumento. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, v. 23, n.2, p.95-108, jul/dez.1998.
- POOLI, João Paulo. Quando “um outro” se torna “muitos outros”: da família à escola, a complexidade da descoberta do mundo social. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. **A criança de 0 a 7 anos: um retrato multifacetado.** Canoas: Ed. ULBRA, 2001.